

O ACAUAN ⁽¹⁾

(CONTO PHANTASTICO)

Quando o procurador acabou de fallar grande silencio reinava na sala. Todos os corações pareciam oppressos pela compaixão ; a historia de Mariquinha produzira tal sensação que alguns tinham lagrimas nos olhos. O velho Estevam unico de todos os presentes parecia não se ter commovido com a narração do compadre, e encolhia os hombros em signal de indifferença e desprezo ; agitava-se, porém, no banco, e olhava para o Dr. Silveira, espichando o labio inferior. Depois, como si não pudesse resistir ao desejo de dizer algumas cousas que lhe estavam a fazer cocegas nos gorgomilos, começou :

— Isto de não acreditar nos feitiços, dizendo que são venenos, é historia velha. A incredulidade teimosa guerreia a mesma evidencia, adulterando os factos. Diz o dictado que o peor cego é o que não quer ver, e o peor surdo aquelle que não quer ouvir. O que admira é que o compadre, que sempre reputei homem de juizo e de religião, se faça orgam dos atheus e dos pedreiros livres. O compadre, que nasceu e criou-se aqui, devia ter presenciado muitos factos que provam a existencia dos feitiços e dos feiticeiros. O que prova a historia do filho do capitão Amancio? Prova, quando muito, ou que a

(1) O *acauan* é uma grande ave de côr pardacenta, que a gente do Amazonas diz ser agoureira. E' a inimiga das cobras.

tapuya velha do Lago da Franceza não era feiticeira ou que Mariquinha enganou-se no *tajá* que deu a beber ao namorado. Isto nada tem que ver com os mysterios que não sabemos explicar, e que devem merecer o nosso respeito.

Acreditae que é com verdadeiro pezar que eu vejo as santas crenças dos nossos avós caírem uma a uma sob os ataques dos maçons e *espiritos fortes*, perseguidores do nosso santo bispo, o pae de nós todos, D. Antonio de Macedo Costa. Queira Deus que por isso não sejamos castigados, e pague o justo pelo peccador, como está succedendo na terra do Xico Ceará, por haverem deitado ao mar o Nosso Senhor Bom Jesus dos Afflictos!

Embora tenhaes de rir, hei de continuar a sustentar as minhas idéas, porque foram as que bebi no berço; estou convencido da verdade dellas, e lamento profundamente o erro em que viveis. E si mereço alguma fé, ouvi o que vos vou contar; quero saber a vossa opinião sobre um factó extraordinario, que eu mesmo presenciei. Sempre quero ver como me explicareis isso! E desde já vos declaro, com a mão na consciencia e a fé de um verdadeiro christão nas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, que a minha historia é a pura expressão da verdade nos seus pormenores todos. Não ha um só desses pormenores que tenha sido inventado por mim. Foi ha cousa de trinta annos, que se deu o factó estranho, para que chamo a vossa attenção.

Numa das melhores casas da antiga villa de S. João Baptista de Faro vivia um homem abastado, uma das pessoas mais importantes do logar, o capitão Jeronymo Ferreira, de quem por força haveis de ter ouvido fallar, ao menos pelo primo, o nosso escrivão do Jury. Jeronymo enviuvava muito cedo e ficara só com uma filha de dois annos, Anninhas, que o capitão amava loucamente. A criança promettia vir a ser uma bella e jovial rapariga, tanto quanto se podia julgar pelo que mostrava naquella tenra idade. Era a menina o encanto de quantos a viam, o delirio de todos os habitantes de Faro, que não cessavam de elogiar-lhe a robustez, as lindas côres do rosto, os annelados cabellos castanhos, finos e sedosos, o puris-

simo azul dos grandes olhos, ternos e languidos. A filha do capitão Ferreira tinha, pois, por amigas todas as velhas e moças da villa, e nunca nenhuma criança foi alvo de melhores desejos e de predicções mais promettedoras. A menina andava de mão em mão, e todos queriam tel-a em casa alguns dias. Ella não estranhava pessoa alguma, dava-se com todos, sorria para uns e outros, não chorava nunca. Era uma criança deliciosa.

O pae dizia, porém, algumas vezes com a voz repassada de tristeza :

— Não sei porque . . . Mas não gosto de criança que não chora.

Apezar disto era o capitão Jeronymo o primeiro que satisfazia todos os desejos infantis da filha para evitar-lhe a mais leve tristeza. Amava-a, como já vos disse, loucamente, e impensadamente contribuia o infeliz para esse facto que se notava, que corria de boca em boca, com pasmo, e que era por algumas raras pessoas de juizo commentado com tristeza e com uma vaga previsão de um futuro infausto. Era este :— Anninhas nunca chorara ! Nunca, desde que abrisse os olhos á luz do dia, se vira uma lagrima, uma sequer, deslizar pelo rosto alvo e macio da infante ! De toda a gente da villa só duas ou tres pessoas incommodavam-se mais seriamente com este facto estranho e triste ; entre essas, o capitão Jeronymo e eu. O capitão, como contei, entristecia-se ás vezes ao pensar nisso, e murmurava :

— Não gosto de criança que não chora.

E abaixava a cabeça, sem animo de dizer tudo o que pensava.

Quanto a mim, não me passava despercebido um episodio da vida de Anninhas.

No dia do seu nascimento, apenas a comadre annunciou que viera á luz uma criança, foi invadido o quarto da mulher do capitão pela chusma dos amigos que vinham felicitá-la pelo bom successo ; eu fui do numero. Ao entrar em casa de Jeronymo, notei que o tempo, que aliás estivera magnifico todo o dia, mudara de repente, e que uma nuvem negra vinha de-

baixo, impellida por uma forte viração; bandos de gaivotas e de garças esvoaçavam aqui e alli; as arvores da beira do rio dobravam gemendo sob o peso do vento, e, ao transpor eu o limiar, uma laranjeira velha, que ninguem em Faro se lembrava de ter visto nascer, caiu de repente, e sem barulho. Com o entusiasmo da festa, não deu pessoa alguma por este facto, que notei cuidadosamente. A recém-nascida estava deitada em uma rêde na sala de visitas; alli todos a foram contemplar e desejar-lhe felicidade. O vigario foi o primeiro que adiantou-se para ella, e, fazendo-lhe com o pollegar o signal da cruz na testa, murmurou:

— Deus te faça bôa.

Seguiu-se o futuro! padrinho, que era o mestre-escola. Abençoou-a com a mão, dizendo-lhe:

— Deus tè faça uma santa.

Assim se foram succedendo na cerimonia todas as pessoas presentes, e ouvia-se constantemente:

— Deus te faça bôa filha.

— Deus te faça bôa dona de casa.

— Deus te livre da onça e do jacaré.

Tendo ouvido a expressão daquelles desejos, e conhecendo que faltava um essencial, um que não podia ser omittido, principalmente em Faro, terra dos prodigios infaustos, adiantei-me, e ia fallar, quando uma velhinha magra, descarnada e suja, empurrou-me para trás com uma força descommunal, e, antes que eu tivesse tempo de tornar a mim e de impedir-lhe o feitiço, disse com a voz tremula e sibilante:

— Tupan não te dê lagrimas, e a cobra grande seja tua amiga.

Dei um grito, e tentei agarrar-me á velha, mas ella já havia desaparecido. Juraram-me todos os presentes não a terem visto, e somente ter eu dito:

— Deus te faça feliz.

Fiquei abatido. Eu sabia perfeitamente que a feiticeira havia estado alli; tinha feito o seu funesto dom; sabia-o, porque a vira, como vos vejo agora. O feitiço lançado pela velha sobre a innocente filha do capitão Jeronymo Ferreira

é um dos mais terríveis malefícios que eu conheço. Os seus efeitos são desastrosos em extremo. Sem duvida todos vós sabeis o que seja a *cobra grande*, a immensa sucurijú, e a perniciosa influencia que exerce sobre os organismos nervosos e delicados das mulheres enfeitiçadas, postas em relação com ella, como o fôra a filha do capitão pela imprecação da velha. Uma vez lançado o feitiço, estabelece-se entre a cobra, o passaro acauán e a padecente uma infernal relação, que produz os efeitos mysteriosos e estranhos que vereis. Quem poderá sondar um tal mysterio? Que o digam os *espiritos fortes*!

Imaginae como não fiquei eu, que era amigo de Jeronymo, e que tinha verdadeira compaixão da pobre innocentinha! Retirei-me triste e afflicto. Na casa era uma festa immensa. A alegria andava por toda a parte. Eis o que eu recordava quando via Anninhas, já na idade de dois annos, contente e feliz, sem nunca ter derramado uma lagrima.

A habitação de Ferreira era uma pequena casa, sita a alguma distancia do centro da villa, á margem do Nhamundá, um dos mais bellos cursos d'agua, que eu conheço. Compunha-se simplesmente de uma sala, duas alcôvas, a varanda e o quintal. Era coberta de palha, mas limpa e bem caiada. O capitão era homem que se prezava. Si já estivesstes em Faro, ou mesmo si ainda não estivesstes, mas si attendades para o geral das nossas villas, notareis o aspecto de triste solidão que reina em todas. Em Faro este aspecto ainda se torna mais notavel pela ausencia de vapores, que, como aqui em Obidos, venham trazer a vida ao porto. E' por isso esta villa o logar mais deserto e abandonado, que eu conheço, de todas as nossas povoações mais importantes.

Parece que um fado mau pesa sobre Faro, e a torna inhabitavel, já pelos malefícios, que alli constantemente têm logar, já pelo abandono em que caiu. A menos que não seja um dia de grande festa, em que a gente das fazendas mais vizinhas vem á villa, quasi que não se encontra viva alma nas ruas.

Si isto é hoje assim, era ainda muito peor ha trinta annos, quando o Amazonas não tinha feito os progressos que faz todos os dias, e ainda não se conheciam vapores, nem outras novas. Cada um vivia em sua casa, sabia de seus negocios, não cuidava da vida alheia. Mas si Faro é deserta de dia, à noite é muito peor. Depois, como não ha lampeões publicos como os nossos, a escuridão é grande nas noites, em que a lua não apparece. Então, ás sete horas da noite, só se ouve na villa o piar agoureiro do *morucututu*, ou o lugubre choro de algum cão leproso, acompanhando o rumor das aguas do rio. Fecham todos as suas portas e vão-se deitar, não sem um terror vago, incerto, a abalar-lhes os corações, e sem murmurarem de espaço a espaço:

— Jesus, Maria, José!

Tambem não ha povo nenhum que guarde tão santamente as tradições dos nossos avós e os dictames da religião de Christo, como o povo de Faro. Eu posso fallar assim, porque lá estive muito tempo.

Por uma noite de inverno, uma dessas terriveis noites do Amazonas, em que o céu parece ameaçar a terra com todo o furor da sua colera divina, o capitão Ferreira voltava de uma caçada, que fôra imprudentemente fazer, para distrair-se dos pezares que tivera por morte da mulher; perdera-se, só conseguindo chegar à villa à noite.

Tudo o que se pôde dizer de horrivel não pôde exprimir todo o immenso horror daquela noite infernal.

Nenhuma voz humana se fazia ouvir em toda a villa; nenhuma luz brilhava, que indicasse que alguém, entregue a rezas ou a trabalhos, velasse por alli; nada: a villa parecia morta.

Trovões furibundos atroavam os ares; relampagos inundavam de luz, de quando em quando, os matos que cercam a villa; os raios, caíndo com fragor enorme, iam prostrar os grandes cedros, velhos de mais de um seculo. Mas isto não era nada. Do fundo do rio, da profundeza das aguas da lagôa, formada pelo Nhamundá, e onde está sita Faro, levantava-se um ruido grande, horrivel, insano, como uma voz

sem nome, semelhante ao grito de todos os demonios reunidos. Era um clamor que dominava todos os ruidos da tempestade, era um clamor que eu só poderia comparar ao brado immenso que hão de soltar os condemnados no grande dia do Juizo Final!

Os cabellos do capitão Ferreira estavam de pé e duros como estacas.

Elle bem sabia o que aquillo queria dizer. Aquella voz era a voz da cobra grande, que reside no fundo dos rios e dos lagos.

O capitão levou a mão á testa para benzer-se, mas os seus dedos, tremulos de medo, não conseguiram fazer o signal da cruz. Invocando, porém, todos os santos da côrte do céo, e principalmente o seu patrono S. Jeronymo, deitou a correr para a casa.

A' medida que se aproximava della, ouvia a terrivel voz augmentar de volume. Cresceu tanto afinal que zumbiram-lhe os ouvidos, tremeram-lhe as pernas, e caíu na occasião em que tocava no limiar da porta.

Com a quêda espantou um grande passaro escuro, que alli estava, e que vôou, cantando :

— Acauán ! Acauán !

Muito tempo esteve o capitão Jeronymo Ferreira caído sem sentidos, e elle não poderia determinar quantas horas gastou naquelle estado. Quando tornou a si, a scena estava mudada. A noite estava ainda escura, mas a tempestade tinha cessado. Um silencio tumular reinava na villa; nenhum cão ladrava, nenhum gallo cantava. Jeronymo olhou para a lagôa e notou com grande admiração que a superficie das aguas tinha um brilho singular, como si estivesse untada de phosphoro. Deixou errar vagamente o olhar por sobre a toalha do rio, e então um objecto estranho, affectando a fôrma de uma canôa, chamou-lhe a attenção. O objecto vinha, impellido por uma força desconhecida, em direcção á praia, exactamente para o lado onde se achava o capitão. Este, tomado de uma curiosidade, que elle mesmo não saberia explicar, adiantou-se, meteu-se n'agua, e agarrando o objecto, puxou-o para a beira.

Era com effeito uma canôa, e dentro della estava deitada uma criança que parecia dormir, como em um leito de rosas. O pae de Anninhas tirou-a dalli, sustendo-a nos braços. Nesse momento rompeu o sol por entre os aningães de uma ilha proxima, cantaram todos os gallos da villa, ladraram os cães, correu rapido o rio, deixando morrer o brilho desusado, e abriram-se algumas portas. Amanhecia.

No dia seguinte toda a villa de Faro dizia que o capitão Jeronymo Ferreira tomara para si uma linda criança, que achara à beira do rio, e que se dispunha a criá-la como filha propria. Só a mim me contou o pae de Anninhas os acontecimentos da terrivel noite, e isso mesmo quando lhe sobreveiu a catastrophe.

Tratada em casa de Ferreira como filha, crescia a estranha criança, que foi baptizada com o nome de Victoria, nome improprio e que parecia desafiar o destino. Educada da mesma fórma que Anninhas, participava da mesma mesa, dos mesmos carinhos e afagos do capitão, que parecia esquecido do que se passara, e da gente de Faro, que estremecia ambas.

Embora fossem lindas moças, tinham Anna e Victoria aos quatorze annos typos muito differentes.

Anna, que fôra a principio robusta, era agora uma joven franzina e pallida. Os seus annelados cabellos castanhos caíam-lhe em ondas sobre as alvas e magras espaduas, os olhos tinham uma languidez doentia, a boca andava sempre contraída, como si a rapariga tivesse sempre vontade de chorar, e raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca e na fronte baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lagrima, Anninhas tinha um ar doentio e triste, que a todos impressionava e que se ia tornando cada dia mais visivel. A filha do capitão Ferreira era meiga para com a companheira, mas a vista experimentada do observador percebia-lhe um certo acanhamento quando se achava perto de Victoria; uma especie de soffrimento, de repulsão, alguma cousa de um terror vago, quando a outra nella fixava os seus grandes olhos negros.

Na villa dizia toda a gente :

— Como está magra e triste a Anninhas, que promettia ser robusta e alegre !

Victoria, porém, era alta e magra, mas dessa magreza robusta que revela musculos de ferro. A tez era morena, quasi escura ; as sobrancelhas negras e grandemente arqueadas ; o queixo fino e ponteagudo ; as narinas dilatadas ; os olhos negros, rasgados, tinham um brilho estranho. Victoria, apesar de sua belleza, tinha um não sei que de repulsivo nas feições e nos modos. A boca ornada de magnificos dentes ; um sorriso tão frio como o aço. Fitava com arrogancia a vista nos que a olhavam, até obrigar-os a baixar os olhos.

As duas companheiras affectavam a maior amizade e ternura. Mas eu via que Anninhas fugia, sempre que lhe era possível, de estar á beira de Victoria ; esta, pelo contrario, não a deixava, apegava-se a ella, como si fôra a sua sombra.

A filha do capitão, como já vos disse, deixava ver nas relações com a outra uma certa timidez, medo ou receioso acanhamento ; a estranha, differentemente, um espirito de contradicção, uma certa sobranceria, quando fallava a Anninhas. A voz da filha da casa era mal segura e tremula ; a de Victoria era aspera e dura. Quando se achavam a sós, a filha de Jeronymo parecia a escrava, e a moça estranha parecia a senhora. Observei isso uma vez em que as pude ver sem dellas ser visto, o que fiz, não por curiosidade, peccado de que Deus me defenda, mas por natural sollicitude pela filha do meu amigo.

Tudo, porém, correu sem maior novidade até o dia em que as moças completaram quinze annos. Desse dia em diante notou Ferreira que a sua protegida ausentava-se de casa frequentes vezes em horas improprias e suspeitas, sem nunca dizer para onde ia. Ao mesmo tempo Anninhas ficava mais fraca e abatida, não fallava, já não sorria, e o seu pallido rosto andava constantemente envolto em um véo de negra melancolia. Quando o pae carinhosamente lhe perguntava o que tinha, respondia com a voz cortada de soluços, e olhando a furto para todos os lados :

— Nada, papae.

A outra, quando o dono da casa a reprehendia pelas suas ausencias inexplicaveis, dizia com altivez e pronunciado desdem :

— E o que tem vmc. com isso ?

Em junho desse mesmo anno foi Anninhas pedida em casamento pelo filho de um fazendeiro do logar, o alferes Ignacio da Beira do Lago, que depois foi para Manaus, onde morreu feito agente do Correio. Pae e filha annuiram, e ambos pareciam contentes. Um vago sorriso illuminava as feições da joven. Mas de repente, sem que pessoa alguma pudesse explicar tão subita mudança, a moça appareceu ainda mais triste do que de costume, e toda tremula e soffrente foi dizer ao pae que não queria mais casar com o filho do fazendeiro, que não sympathisava com elle, que tinha a certeza de que seria infeliz, que tinha sonhado com essa infelicidade, disse emfim tudo o que podia dizer para destruir pela base o projectado enlace. Depois de ter por muito tempo procurado dissuadil-a dessa resolução sem nada conseguir, o capitão decidiu-se a fazer a vontade à filha estremeçada, rompeu o casamento e malquistou-se assim para toda a vida com a importante familia da Beira do Lago.

Na villa não se fallou em outra cousa durante muito tempo, sem que pessoa alguma deixasse de censurar a inconstancia de Anninhas. Só Victoria não dizia palavra. Nesse interim a desconhecida molestia de Anninhas se aggravava, e o capitão começou a inquietar-se seriamente com isso.

No anno seguinte, novo projecto de casamento com o collecter de Faro, o Fernando Montoléa, que ainda vive ; nova alegria momentanea no rosto da moça, nova tristeza subita, e novo pedido ao pae para que rompesse o casamento.

Mas desta vez o capitão quiz por força saber a causa do estranho modo de proceder da filha, e, como ella teimasse em responder que nada tinha, que não podia dizer o que tinha, o capitão, homem impaciente e colerico, despeitado além disso com as recusas inexplicaveis da filha querida, e receioso de um futuro proximo, disse-lhe terminantemente:

— Pois agora ha de casar, que eu quero.

Ouvindo esta resolução do pae, a joven retirou-se e encer-

rou-se no seu quarto até o dia da cerimonia, sem que pedidos e ameaças a fizessem de lá sair.

Nesse entretanto a agitação de Victoria era extrema. Andava com o rosto descomposto, entrava e saía mil vezes por hora do quarto da companheira, ausentava-se por longas horas de casa, mettendo-se pelos matos circumvizinhos, dava gargalhadas que me mettiam medo. Tudo isto confirmou as terriveis suspeitas que eu tinha, e que infelizmente não eram infundadas.

Tudo preparou-se para o casamento com a decencia que a posição do capitão Jeronymo exigia, porque naquelle anno fôra eleito juiz de paz, e era um dos principaes personagens da terra. O noivo apressava os preparativos com impaciencia, e o capitão ajudava-o com o mesmo sentimento. Parecia que o pobre homem tinha o presentimento de uma grande desgraça, e queria evital-a com o casamento. Como religioso que era, pensava elle que o sagrado laço não podia deixar de produzir um effeito benefico sobre Anninhas. Tudo se fez sem que nem a noiva, nem a sua companheira interviessem em cousa alguma. Chegou finalmente o dia, e os noivos, acompanhados dos paes, dos padrinhos e de quasi toda a gente da villa, dirigiram-se para a igreja.

Com grande admiração de todos, Victoria desaparecera; por mais que fizessem, não a podiam encontrar.

Foi viva a agitação a que isto deu lugar. Os convidados não podiam comprehender a ausencia, em uma occasião daquellas, da moça que fôra criada pelo capitão, que era quasi a irmã da noiva. Eram perguntas sobre perguntas :

- Onde estará ella ?
- Onde estará Victoria ?

O capitão franzia o sobrolho. Anninhas não podia esconder um intimo contentamento; olhava para todos os lados, tendo nos olhos escripta a esperanza de não ver a terrivel amiga.

Como se fazia tarde e Victoria não apparecia, nem della havia noticia, entraram na matriz e deu-se começo á cerimonia.

Mas eis que, na occasião em que o vigario lhe fazia as perguntas do estylo, a noiva pôz-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo em um ponto da porta da sacristia. Acompanhei a direcção daquelle olhar, e dir-vos-ei que ainda que eu viva cem annos não me esquecerei do que então vi.

De pé, á porta da sacristia, hirta como uma defunta, com os cabellos transformados em horrendas cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Victoria fixava em Anninhas um olhar horrivel, olhar de demonio, olhar frio, que parecia querer pregal-a immovel no chão. A boca entreaberta deixava apparecer uma lingua fina, partida em duas, como a lingua das serpentes. Uma ligeira fumaça azulada saía-lhe da boca e subia até o tecto da igreja.

Era um espectáculo sem nome !

Anninhas soltou um grito, como si fosse morrer e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. A confusão foi grande entre os presentes. Todos queriam acudir-lhe, e não sabiam o que haviam de fazer ; eu, entretanto, não podia despregar a vista da horrenda figura de Victoria, até que esta, dando um horrivel brado, desapareceu sem eu saber como.

Voltei-me para Anninhas, e fui tomado de uma compaixão dolorosa ao vel-a immovel no chão, hirta e pallida ; dois grandes fios de lagrimas corriam-lhe pela face.

— Lagrimas ! disse o capitão ajoelhando-se ao pé da filha.

— Lagrimas ! bradou a multidão tomada de espanto.

Então, convulsões terriveis se apoderaram do corpo de Anninhas. Retorcia-se a pobre criança como si fôra de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes, cerrados com uma força sobrehumana, rangiam furiosamente ; as mãos arrancavam os lindos cabellos e espatifavam os enfeites do bello vestido de noivado ; os olhos reviravam-se-lhe nas orbitas, os pés batiam no solo. Toda ella se maltratava, rolando como uma phrenetica, uivando dolorosamente.

Todos tinham lagrimas nos olhos, e o pobre pae soluçava como uma criança.

De repente a moça pareceu socegar um pouco, mas isto não foi sinão o principio de uma nova crise. Endireitou-se toda e